

Violações

*Pensem nas crianças
Mudas telepáticas
Pensem nas meninas
Cegas inexatas
Pensem nas mulheres
Rotas alteradas
Pensem nas feridas
Como rosas cálidas
Mas oh não se esqueçam
Da rosa da rosa
Da rosa de Hiroshima
A rosa hereditária
A rosa radioativa
Estúpida e inválida
A rosa com cirrose
A antirrosa atômica
Sem cor sem perfume
Sem rosa sem nada.
(Vinicius de Moraes)*

Entre a Carta-Convite e a escrita deste Editorial o mundo se viu impactado com o acirramento dos conflitos históricos no Oriente Médio, a partir de um violento ataque terrorista perpetrado pelo Hamas contra civis israelenses na fronteira com a Faixa de Gaza, região conhecida pelas precárias condições a que está submetido o povo palestino. Sucederam-se inúmeras atrocidades, numa escalada de violência que envolveu sequestros, estupro e execução de crianças, mulheres e idosos, muitos dos quais transmitidos em redes sociais. A perspectiva de paz, aparentemente cada vez mais distante, movimentou o pensamento do mundo na direção do que limita o terror, relançando questões sobre as quais se debruçaram Einstein e Freud em “Por que a guerra?” (1933/2020b) e trazendo para o primeiro plano a discussão que propúnhamos sobre violação.

Fala-se em episódios “desumanos”, embora a humanidade em guerra traga, justamente, à tona sua tendência (humana) destrutiva, ainda que tensionada por um pacto civilizatório que trabalha por regulações e renúncias (Freud, 1930/2020a).

O que se faz evidente nessa e em outras guerras, como bem leremos nos artigos aqui publicados, pode ser escutado em movimentos corriqueiros

mais ou menos sutis. Em *Ritmo 0*, uma das performances mais conhecidas de Marina Abramović, a artista se ofereceu para que o público interagisse com seu corpo como bem quisesse durante seis horas. Disponibilizou 72 objetos capazes de despertar dor ou prazer (incluindo alimentos, penas, perfumes e também pregos, e um revólver carregado), tentando descobrir até onde iriam. Os resultados não estiverem distantes das descobertas de Freud:

Quando as primeiras interações começaram, elas foram gentis – abraços, beijos, uma rosa sendo oferecida. No entanto, não demorou muito para o clima do ambiente mudar, e Marina Abramović passar a ser torturada por seu público.

As mesmas lâminas que foram usadas para retalhar suas roupas, serviram depois de instrumentos para ferir a pele da artista, que permaneceu sem esboçar emoções, dedicada a continuar sua performance.

Palavras foram rabiscadas no seu corpo, correntes pesadas penduradas em seu pescoço, e líquidos derramados sobre sua cabeça. O ponto de máxima tensão chegou quando um membro da plateia colocou a arma carregada na mão de Marina, com o cano apontado para o próprio rosto, e o dedo posicionado sobre o gatilho. (Brunato, 2020)

Marquês de Sade em 1785 chocou leitores com seus personagens libertinos, capazes de gozar com a dor alheia, sequestrar, estuprar, humilhar, lançando-se a um incremento de violência cega que chegava ao assassinato, passando por movimentos cruéis, como o abuso sexual de uma jovem em frente à mãe e assistindo à execução do pai, como se lê em *Os 120 dias de Sodoma* (1785/2018).

Essas violações apontam para relações de assimetria e seu mau uso, abusos de poder: dinâmicas sujeito-objeto que podem assumir dimensões desobjetalizantes (Green, 1984/1986), promotoras de indiferença. Os pactos que mediam as relações têm ainda potencial de desumanizar, quando delimitam alguns sujeitos, sobre os quais é possível desengatilhar tendências destrutivas e disparar a fúria roxa da violência. Feridas radioativas hereditárias fazem sangrar diferentes gerações.

Piera Aulagnier (1975) propunha diferenciar a violência primária constitutiva, necessária à entrada no campo do humano, daquela excessiva, intolerável e traumática. Relacionada com as temáticas de alteridade e fronteira, a constituição dos limites não está garantida de antemão, e sua ameaça

de invasão compõe um jogo que não se encerra na relação primária, incidindo na pluralidade de dinâmicas violativas que acompanhamos no presente número do *Jornal de Psicanálise*.

Lemos em suas páginas artigos, poemas e testemunhos capazes de sensibilizar o leitor para as suas manifestações privadas e públicas, na intimidade dos lares, nas violências de Estado e nos grupos institucionais. Acompanhamos esforços de trabalho individual e coletivo diante do ensurdecido emudecimento dos violados, assim como os efeitos de devastação atômica quando os traumatismos não encontram destino elaborativo, fracasso que pode perseguir ligação por meio de repetição. A clínica e os movimentos da cultura não cessam de nos oferecer exemplos.

Os artigos temáticos estão encadeados de forma que nos encaminhamos para o reconhecimento de diferentes efeitos das violações, bem como de jogos de poder que fazem certos corpos mais violáveis que outros: crianças, mulheres, negros, indígenas e homossexuais constituem universos mais vulneráveis a esses devires. Alvos de “bombardeios” nada aleatórios. A temática tem sequência na seção Diálogos, em que se debate o lugar do analista diante das violações, com base no artigo “Quando o outro é ninguém”, de Eliana da Silveira Cruz Caligiuri, comentado por Renata Udler Cromberg e Suzana Muskat.

Na seção Conexões, o poema “E eu que não presto”, de Aline Limieri Dualibe, é seguido do testemunho de Elisa Bracher, artista plástica renomada, com participação no acervo permanente de Inhotim e exposições individuais como a recém-realizada na Pinacoteca do Estado de São Paulo, que assina “Emprestar a história para a dor não doer nos outros”. Além dos excelentes artigos de temas livres que compõem o número, temos ainda, em História da Psicanálise, Cristiane Mota Takata e Maria José Tavares Barbosa Irmã resgatando a história do Congresso de Psicanálise em Língua Portuguesa (CPLP) em “Violações e reparações – histórias em movimento”.

Como psicanalistas, estarmos ou não preparados para a escuta e o manejo das violações é determinante para evitarmos os retraumatismos a que a psicanálise não está imune. Temos em mãos um número do *Jornal*, que não nos revela apenas o impacto das repetições, mas aponta caminhos de trabalhos potentes diante delas.

Boa leitura a todos!

Referências

- Aulagnier, P. (1979). A violência da interpretação: do pictograma ao enunciado. Imago. Trabalho original publicado em 1975)
- Brunato, I. (2020). A artista que ficou à mercê do público por seis horas – o resultado foi assustador. *Aventuras na História* [site], 5 ago., 19h15. <<https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/reportagem/a-artista-que-ficou-merce-do-publico-por-seis-horas-o-resultado-foi-assustador.phtml>>.
- Freud, S. (2020a). O mal-estar na cultura e outros escritos. In S. Freud, *Obras incompletas de Sigmund Freud* (pp. 305-410). Autêntica. (Trabalho original publicado em 1930)
- Freud, S. (2020b). Por que a guerra? (Cartas entre Einstein e Freud). In S. Freud, *Obras incompletas de Sigmund Freud* (pp. 421-444). Autêntica. (Trabalho original publicado em 1933)
- Green, A. (1986). Pulsão de morte, narcisismo negativo, função desobjetalizante. In D. Widlöcher (Org.), *A pulsão de morte* (pp. 57-68). Escuta. (Trabalho original publicado em 1984)
- Marques de Sade (2018). *Os 120 dias de Sodoma: ou a escola da libertinagem*. Penguin-Companhia. (Trabalho original publicado em 1785)

Berta Hoffmann Azevedo
Editora
bertaazevedo@hotmail.com